

4

Antes da partida, é preciso arrumar a mala de ser

[...] o rememorar a infância; o carinho pelo passado perdido, em que era o menino querido e mimado; o duro julgamento do adulto que agora é, cansado, adiando a vida; a aspiração de algo ideal, inalcançável; o momento angustiante da partida – da gare ou do apeadeiro, do cais, da vida, quando o embarque é definitivo e a Morte é vista com lente escura, ou clara e límpida, acolhendo-o, materna, em seus braços – são caminhos tomados e retomados pelo poeta em suas andanças.

Cleonice Berardinelli

(BERARDINELLI, 1999, p. XLIX)

4.1

“Falhei no que fui, falhei no que quis, falhei no que soube”

Ulisses reencontrará, pois, sua Ítaca lá mesmo onde a havia deixado; mas o Ulisses de outrora, aquele que deixou sua ilha, ele não encontrará mais. Ulisses é agora um outro Ulisses, que reencontra outra Penélope. E Ítaca é também uma outra ilha, no mesmo lugar, mas não na mesma data. A viagem no espaço é uma viagem no tempo, e o ponto de chegada, o ponto fixo ansiado não existe, deixando-nos à deriva.

Olgária Matos

(MATOS, 1987, p. 155)

Tal qual Ulisses, retornado a Ítaca para reencontrar aquilo que é seu, o eu construído pela poesia de Álvaro de Campos busca na infância uma possibilidade, uma alternativa à “interioridade precária, instável e dividida” do seu presente. Porém, *agora*, já não se reencontrará mais aquele eu de *outrora*. Segundo Jacinto do Prado Coelho (1973, p. 96), no caso da poesia pessoana, “recordar não é reviver, é apenas verificar com dor que fomos outra coisa cuja realidade essencial nos não é permitido recuperar.” Por isso, “a infância que lembramos não é, portanto, a infância que tivemos, mas uma representação actual da infância; nem é preciso ter vivido uma infância feliz para que a infância seja para nós uma idade feliz.” (COELHO, 1973, p. 99)

No ensaio “O tempo na poesia de Álvaro de Campos”, Maria Luísa Guerra (s.d., p. 43) defende que “de facto é por nós e para nós que esse passado existe mas já enquanto confundido e misturado no presente.” Os estilhaços do passado estão confundidos e misturados com os do presente, interditando, assim, uma restauração completa e perfeita daquilo que tinha sido. Dos versos do poeta sabemos que, se se encontrasse a si no mesmo lugar por que passara há vinte anos, já não se reconheceria: “O outro que aqui passava então, / Se existisse hoje, talvez

se lembrasse... / Há tanta personagem de romance que conheço melhor por dentro / Do que esse eu-mesmo que há vinte anos passava aqui!” (PAC, p. 191, v. 14-17)

O eu está fissurado, pois falhou naquilo que foi, quis e soube (Cf. PAC, p. 164, v. 5). Como diz o próprio poeta nos seguintes versos: “Hoje, recordando o passado, / Não encontro nele senão quem não fui...”(PAC, p. 182, v. 5-6). Conforme escreveu Olgária Matos no texto “A melancolia de Ulisses: a dialética do Iluminismo e o canto das sereias”,

A viagem ao passado é uma viagem “em sentido inverso ao da morte”, é a busca da promessa de felicidade vislumbrada, por assim dizer, na infância, aquela reserva de energia que os anos por vir comprometerão irremediavelmente ou resgatarão. O adulto quando se torna melancólico é chamado a precisar e desocultar a própria infância durante toda a sua vida. (MATOS, 1987, p. 155)

A promessa de felicidade, portanto, está longe do alcance deste eu, na infância ou dentro das casas que ele só vislumbra de fora, pois não pode entrar senão ela não estará mais lá. É preciso levar em conta que na poesia do engenheiro a casa toma dois sentidos, um real e outro metafórico, ou seja, a casa representa tanto o lar como a si mesmo, por isso, a felicidade mora sempre na casa dos outros.

Na casa defronte de mim e dos meus sonhos,
Que felicidade há sempre!

Moram ali pessoas que desconheço, que já vi mas não vi.
São felizes, porque não são eu.

As crianças, que brincam às sacadas altas,
Vivem entre vasos de flores,
Sem dúvida, eternamente.

As vozes, que sobem do interior do doméstico,
Cantam sempre, sem dúvida.
Sim, devem cantar.

Quando há festa cá fora, há festa lá dentro.
Assim tem que ser onde tudo se ajusta –
O homem à Natureza, porque a cidade é Natureza.

Que grande felicidade não ser eu!
(PAC, p. 203, v. 1-14)

A felicidade é possível apenas para os outros, porque ser “eu” impede a possibilidade deste sentimento. Segundo Cleonice Berardinelli (2004, p. 176), “a impossibilidade de ser feliz agrava-se pela consciência de que os outros podem sê-

lo.” A poesia de Álvaro de Campos mergulha numa viagem subjetiva, construindo um eu descortinado pelos tempos modernos, cujas certezas desapareceram, levando consigo qualquer tranqüilidade acerca daquilo que se é.

Nesta profunda viagem ao interior de si mesmo, em nenhuma parte há lugar para repouso, aquilo que se perdeu, no percurso do *outrora* ao *agora*, instaura um sentimento de melancolia. Para Eduardo Lourenço, que escreveu “Tempo e Melancolia em Fernando Pessoa”, a melancolia inscreve-se “numa constelação de afecções da alma que vão da tristeza à angústia, sem esquecer o tédio.” (LOURENÇO, 1999, p. 16)

Portanto, este eu é crivado pela sensação de perda daquilo que poderia ter sido e não foi. Conforme escreve Sigmund Freud (1974, p. 277-8), no artigo “Luto e Melancolia” - em alemão, *Trauer und Melancolie* -, assim como o luto, a melancolia também pode constituir a perda de um objeto amado, com a diferença de que não se pode conscientemente perceber o que se perdeu. E, mesmo que se esteja ciente da perda que originou a melancolia, ou seja, mesmo que se saiba quem ou o que foi perdido, não se consegue identificar o que se perdeu nesse alguém. No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio, na melancolia, o vazio é de si mesmo.

Na opinião de Eduardo Lourenço, há na melancolia um jogo interior da memória, “memória de coisas vivas, mais vivas que a vida presente, e no entanto impalpáveis, inacessíveis, a não ser pela viagem através da eternidade perdida de nós próprios de que se tece justamente a melancolia.” (LOURENÇO, 2003, p. 18) Segundo o nosso entendimento, na poesia de Campos, a melancolia é efeito de uma perda que ocorre no próprio eu.

Portanto, para este eu de *agora* sobrou o vazio inquieto, restaram os sentimentos de melancolia, tédio, angústia e náusea diante de tudo. Joel Serrão (1965, p. 154), no estudo “Notas sobre a experiência do tédio na vida e na poesia de Fernando Pessoa”, afirma que o tédio é inseparável de certa consciência de um tempo esvaziado de conteúdo, tornando-se, então, a “antecâmara” da angústia. Quando o tédio habita o sujeito, ao invés de viver o tempo, ele sente-se “*vivido* pelo tempo [...] que escorre viscosamente” (SERRÃO, 1965, p. 157). Para Eduardo Lourenço (2003, p. 16), a angústia é “mais nítida”, “menos indistina”, “mais não é, aliás, que a vida subtraída ao futuro, asfixiada por um presente sem

dimensões.” Junta-se a estes sentimentos a náusea. Segundo Joel Serrão (1965, p. 161),

A náusea, transformada em tema literário por Jean-Paul Sartre, é estado intermediário entre o tédio e a angústia: com efeito, o tédio prolongado e exacerbado conduz à vertigem da náusea, preliminar da angústia, reacção de índole sentimental ao pressentimento de que *a vida não tem sentido*, a qual alcança as zonas mais profundas do ser psíquico. Em suma, o tédio, sinal de uma vida em crise, abre o caminho à *consciência* de tal crise. Ora, quando alguém se apercebe de que o sofrimento tedioso é consequência de a sua vida estar a processar-se sem a meta valiosa a alcançar, e que é, portanto, *desprovida* de sentido, pode surgir então a náusea, paredes meias com a angústia, que virá a seguir.

O vazio interior toma conta deste eu de *agora*, tornando a sua vida oca, sem sentido. A passagem do tempo é vivida com mal-estar, pois os instantes passam deixando uma marca bem forte. Observemos: “Oco dentro de mim, sem depois nem antes. / Parece que passam sem ver-me os instantes, / Mas passam sem que o seu passo seja leve.” (PAC, p. 362-363, v. 6-8). O tempo esvaziado provoca a angústia, que já não cabe mais diante da consciência de um futuro “subtraído” e um presente “asfixiado”, transbordando da vasilha.

Transbordou.
Mal sei como conduzir-me na vida
Com este mal estar a fazer-me pregas na alma!
Se ao menos endoidecesse deveras!
Mas não: é este estar-entre,
Este quase,
Este poder ser que...,
Isto.
(PAC, p. 66, v.7-14)

Não consegue viver a existência de maneira completa e inteira. O mal-estar provoca um “estar-entre”, um “quase”, um “poder ser que”, até, gradualmente, tornar-se algo de onde não emerge mais, “isto”. Tem a sensação de que falhou em tudo - “Sou quem falhei ser. / Somos todos quem nos supusemos. / A nossa realidade é o que não conseguimos nunca.” (PAC, p. 197, v. 6-8) -, e *agora*, firma-se a náusea e a ânsia: “Não sou senão náusea, não sou senão cisma, não sou senão ânsia,” (PAC, p. 164, v. 7) Segundo Cleonice Berardinelli (2004, p. 272), “a palavra náusea não é rara neste heterônimo e reproduz invariavelmente a sensação de mal-estar diante das abstrações que o obsidiam: a vida, o sentimento da vida, o mesmo sonho...”. Tudo isto fá-lo ter vontade de vomitar a si mesmo. “Tenho vontade de vomitar, e de me vomitar a mim... / Tenho uma náusea que, se

pudesse comer o universo para o despejar na pia, comia-o.” (PAC, p. 326, v. 22-23)

A consciência de um tempo esvaziado de sentido, dominado pelo cansaço e pela abulia, provoca um constante adiamento da vida, um ficar sempre “na mesma coisa que antes de ontem” (Cf. PAC, p. 170, v. 6). O “antes de ontem que é sempre” (Cf. PAC, p. 170, v. 6) tornará a repetir-se “depois de amanhã” (Cf. PAC, p. 159, v. 1). Todas as promessas são adiadas para o porvir : “Depois de amanhã, sim, só depois de amanhã...” (PAC, p. 159, v. 1), hoje é um tempo de abulia e cansaço:

Não, hoje nada; hoje não posso.
A persistência confusa da minha subjectividade objectiva,
O sono da minha vida real, intercalado,
O cansaço antecipado e infinito,
Um cansaço de mundos para apanhar um eléctrico...
(PAC, p. 159, v. 4-8)

Chegado o dia de fazer planos – “Amanhã sentar-me-ei à secretária para conquistar o mundo;” (PAC, p. 159, v. 15) - ou da ação definitiva – ‘Mas só conquistarei o mundo depois de amanhã’ (PAC, p. 159, v. 16) -, novamente tudo será adiado, porque não é possível viver o hoje. Daí, o resgate da infância de maneira terna e saudosa: “não nos surpreende encontrar a profunda emoção que emerge do confronto entre passado e presente, este sempre marcado pela falta, pela carência, pela saudade.” (BERARDINELLI, 2004, p. 397). O que falta hoje a ele é “o circo de domingo” da infância: “Quando era criança o circo de domingo divertia-me toda a semana. / Hoje só me diverte o circo de domingo de toda a semana da minha infância...” (PAC, p. 159-160, v. 21-22); “Por hoje, qual o espetáculo que me repetiria a infância?” (PAC, p. 160, v. 29). O circo de *outrora* é uma representação atual da sua infância, recordada pelos olhos do adulto de hoje como espaço / tempo de felicidade.

Depois de amanhã triunfará sobre a sua vida “falhada” em tudo, será outro, suas qualidades serão convocadas, será finalmente o que hoje não pode nunca ser. (Cf. PAC, p. 160, v. 23-34). Mas, tudo isso só se dará depois de amanhã, porque hoje nada pode fazer, já que o sono o domina. Fica, então a promessa: “O porvir.../ Sim, o porvir...” (PAC, p. 160, v. 40-41)

Contudo, à força da necessidade, diversas vezes, o *agora* se impõe como o momento de arrumar a vida e organizar os sonhos malbaratados. Só que, de novo o adiamento e o cansaço vencem a vontade.

Arrumar a vida, pôr prateleiras na vontade e na acção...
Quero fazer isto agora, como sempre quis, com o mesmo resultado;
Mas que bom ter o propósito claro, firme só na clareza, de fazer qualquer coisa!

Vou fazer as malas para o Definitivo,
Organizar Álvaro de Campos,
E amanhã ficar na mesma coisa que antes de ontem – um antes de
[ontem que é sempre...

(PAC, p. 170, v. 1-6)

Na poesia de Campos, mais de uma vez as abstrações surgem concretizadas em imagens. Nada melhor do que a organização das prateleiras para representar a arrumação que deverá ser feita na sua própria vida. Também a concretização da acção de fazer as malas, organizar a si mesmo e também aos seus versos – “fazer as malas para o Definitivo” – poderia representar a preparação para uma partida importante, a publicação da sua poesia, pois sabemos que o poeta é somente os seus versos.

Aos poucos, vamo-nos dando conta de que esta iniciativa vai ter o mesmo destino de outras tantas: “ficar na mesma coisa que antes de ontem – um antes de ontem que é sempre...”. Apesar da vontade interna, nada realiza. Uma pista para a interpretação do poema é o seu título “Quase”. Segundo Cleonice Berardinelli (1999, p. 170), “num dos testemunhos este poema tem o título ‘Reticências’”, o que não o alteraria por demais, pois as reticências, como sinal gráfico, podem significar a continuação de um estado já apresentado. O que a modificação do título nos pode dizer a mais é a tentativa de mudança deste estado permanente de abulia que não lhe permitiu chegar *lá*, ficou no quase.

A atitude de sarcasmo e dolorosa zombaria, não rara nos poemas deste heterônimo, que ri dos outros mas, sobretudo, de si mesmo, fica evidente nos versos a seguir: “Sorrio do conhecimento antecipado da coisa-nenhuma que serei... / Sorrio ao menos; sempre é alguma coisa o sorrir.” (PAC, p. 170, v. 7-8). O rir de si mesmo retrata uma ironia corrosiva, pois Campos não sorri de algo engraçado que tenha acontecido na sua vida e possa ser recordado com alegria, mas daquilo que poderá vir a ser, “coisa-nenhuma”. Por que arrumar as prateleiras da vida se o

que o destino lhe reserva é ser “coisa-nenhuma”? Mesmo assim, ele sorri, porque o sorrir já significa alguma reação.

E, em mais um movimento característico da poesia de Campos, a realidade invade e o cotidiano aparece como motivo de reflexão: a vendeira que canta o seu pregão traz na sua voz uma “chamada a parte nenhuma, como o silêncio da vida...” (Cf. **PAC**, p. 171, v. 21) Por fim, o cansaço reaparece como mais uma daquelas imagens concretas para fechar o poema: “E o meu cansaço é um barco velho que apodrece na praia deserta,” (**PAC**, p. 171, v. 27). E, afinal, não se arrumou nem a mala, nem a vida.

Na poesia de Campos, observamos que há espaço para a reflexão metapoética, também contaminada pela tensão entre *outrora* e *agora*. *Agora*, já perdeu a “virtude do desenvolvimento rítmico” e não é mais “capaz de escrever um poema extenso” (Cf. **PAC**, p. 208-209, v. 1-4), como *outrora*. O que resta *agora* é a vida que, simplesmente, acontece, o tempo que corre, independente da sua vontade ou da sua força para agir sobre algo. Os seus versos são, pois, a única maneira de intervir no *status quo*.

O sol que está sem que eu o chamasse...
O dia que me não custou esforço...
Uma brisa, com a festa de uma brisa,
Que me dá uma consciência do ar...
E o egoísmo doméstico de não querer mais nada.
(**PAC**, p. 209, v. 11-15)

Não há maneira de impedir o sol de iluminar ou de ignorar a brisa que traz em si a consciência de um dia passado com custoso esforço. O sofrimento tedioso de estar a vida a processar-se, sem que se alcance mais uma vez a possibilidade de uma meta desejada, torna-a desprovida de sentido e provoca a saudade das suas odes.

Mas, ah!, minha *Ode Triunfal*,
O teu movimento rectilíneo!
Ah, minha *Ode Marítima*,
A tua estrutura geral em estrofe, antístrofe e epodo!
E os meus planos, então, os meus planos –
Esses é que eram as grandes odes!
E aquela, a última, a suprema, a impossível!
(**PAC**, p. 209, v. 16-22)

A saudade do que se realizou não impede, contudo, que se admita que eram os planos o que verdadeiramente o movia. Porém, os planos de *outrora* não se

realizaram e ficou apenas um *agora* “de não querer mais nada”, um cansaço absoluto. Nas suas próprias palavras: “Estou cansado, é claro, / Porque, a certa altura, a gente tem que estar cansado.” (PAC, p. 215, v. 1-2). E mais: “O que há em mim é sobretudo cansaço - ” (PAC, p. 212, v. 1); “Um supremíssimo cansaço, / Íssimo, íssimo, íssimo, / Cansaço...” (PAC, p. 212, v. 28-30). O cansaço superlativo que paraliza, porque há apenas um eu “cheio de todos os cansaços / Quantos o mundo pode dar...” (PAC, p. 212, v. 2-3).

Tomar uma atitude diante da vida representa uma partida metafórica, ou seja, “tomar uma decisão qualquer é também partir” (cf. COELHO, 1973, p. 125), arrumar a mala significa partir para ser algo diferente do que se é, organizar-se, saber-se um ser em si, e não um “estar-entre” ou um “quase”.

Na véspera de não partir nunca
 Ao menos não há que arrumar malas
 Nem que fazer planos em papel,
 Com acompanhamento involuntário de esquecimentos,
 Para a parte ainda livre do dia seguinte.

Não há que fazer nada
 Na véspera de não partir nunca
 (PAC, p. 211, v. 1-7)

Há uma certa dificuldade em tomar uma decisão, por isso, o alívio diante da partida que nunca acontecerá, pois só assim não será preciso arrumar malas ou fazer planos em papel.

No poema “Grandes são os desertos, e tudo é deserto”, mais uma vez é necessário fazer a arrumação adiada. Porém, o movimento de arrumar a mala é alternado com o do adiamento de todas as viagens. Partindo de uma profunda reflexão acerca da aridez interior – “Grandes são os desertos e as almas desertas e grandes - / Desertas porque não passa por elas senão elas mesmas, / Grandes porque de ali se vê tudo, e tudo morreu” (PAC, p. 184, v. 1)-, e do descontentamento de si – “Não tirei bilhete para a vida, / Errei a porta do sentimento, / Não houve vontade ou ocasião que eu não perdesse.” (PAC, p. 184, v. 9-11), chega-se à conclusão de que se tem por força que arrumar a mala. O gesto cotidiano de acender o cigarro é mais do que um simples gesto, representa o desejo de adiamento, seja da vida, seja do universo inteiro. O presente absoluto que assola a vida também deve ser adiado. O julgamento do adulto, de *agora*, é implacável consigo mesmo: o sentir-se derrotado pela vida o comprometeu de

modo irremediável, deixando muito distante o menino, de *outrora*, que ainda podia sonhar: “Comprem chocolates à criança a quem sucedi por erro,” (PAC, p. 184, v. 27)

Mesmo com a constatação de que arruma melhor a mala “com os olhos de pensar em arrumar” (Cf. PAC, p. 184, v. 19), sabe que não se pode “levar as camisas na hipótese e a mala na razão” (Cf. PAC, p. 184, v. 33). Não é apenas no pensamento que a sua vida deverá ser arrumada, mas também na ação. A repetição da expressão “ter que arrumar” torna obrigatória a tentativa de realizar a ação: “Mas tenho que arrumar a mala, / Tenho por força que arrumar a mala, / A mala” (PAC, p. 185, v. 30-32).

A alternância entre pensamento e ação é o que marca o poema, a necessidade de arrumar a mala alterna com a reflexão de que tudo é deserto. Acreditamos que, indiretamente, está sendo colocada uma questão, talvez no nível da leitura apenas, e arriscamo-nos a indagar: por que “arrumar a mala de ser” se tudo é deserto? Esta dúvida não aparece de maneira clara, é apenas um modo de interpretar este poema que consideramos bastante sinuoso e para o qual não encontramos leituras satisfatórias.

É sabido que por toda a vida teve e tem de arrumar a mala, mas também que tem ficado sentado, “a ruminar, como um boi que não chegou a Ápis, destino.”, porque o seu destino neste deserto não é ser um boi sagrado e venerado como Ápis, animal sagrado no Egito antigo.

Contudo, o impulso para arrumar a mala parece vencer a atitude estática e ruminante. Quando se levanta em definitivo, com força e coragem para arrumar a mala constata: “Pobre da alma humana com oásis só no deserto ao lado!” (PAC, p. 186, v. 51). Mais uma vez volta a questão da felicidade que mora sempre na casa dos outros ou em qualquer lugar em que não se esteja: “É-se feliz na Austrália, desde que lá se não vá.” (PAC, p. 293, v. 17). Segundo Cleonice Berardinelli (2004, p. 403), “sempre do lado de lá é que pode estar a felicidade a que o poeta não teve acesso senão transitório, porque os outros é que eram felizes.” Ele tem pena de si mesmo, porque sabe que o deserto que se formou, sem possibilidade de disfarçar o solo com pedras e tijolo, está no seu interior, pois pode até ser que nem tudo seja deserto, pode haver oásis, mas não para ele. Então, afinal de contas, decide que “Mais vale arrumar a mala.” (PAC, p. 186, v. 186).

A repetição insistente da *mala* na poesia de Campos não é aleatória. No seu “primeiro” poema, segundo a ficção criada por Pessoa, “Opiário”, o poeta está a bordo de um navio, no canal de Suez. Noutro poema, ficamos sabendo que “Afiml, a melhor maneira de viajar é sentir.” (PAC, p. 223, v. 1), sem falar na “Ode Marítima”, já aqui, analisada. Além disso, em tantos outros, vimos o tema da viagem ser retomado. Porque é um viajante, torna-se extremamente necessário que a mala esteja arrumada. A mala, porém, como tantos outros objetos – como a porta e a casa, das quais já falamos –, não significa apenas em sua materialidade objetal, representa um pouco mais, também porque a viagem na poesia de Campos é mais do que o movimento de partida de e retorno a algum lugar. Lembremos com Cleonice Berardinelli (2004, p. 352) que na poesia de Campos o significado simbólico da viagem é acentuado, “a viagem é quase sempre a passagem para o outro lado, de navio ou de comboio, para o Definitivo, para o Desconhecido, para o Novo”. Na nossa opinião, a grande viagem empreendida neste poema é ao interior de si mesmo e, para tanto, é necessário “arrumar a mala de ser.” Segundo Octávio Ianni (2003, p. 31), “no curso da viagem há sempre alguma transfiguração, de tal modo que aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa.”

A partida para algum lugar, por vezes, pode significar a tentativa de encontrar-se, como no poema “Ao volante do Chevrolet pela estrada de Sintra”. Partir de Lisboa para Sintra, guiando sozinho e devagar, não representa apenas o deslocamento de um lugar a outro, mas a viagem por “outra estrada, por outro sonho, por outro mundo, / Que sigo sem haver Lisboa deixada ou Sintra a que ir ter,” (PAC, p. 160, v. 4-5). Porém, lugar nenhum terá aquilo que procura, porque a sua insatisfação e a sua incomodidade não estão do lado de fora, mas dentro de si mesmo.

Vou passar a noite a Sintra por não poder passá-la em Lisboa,
 Mas, quando chegar a Sintra, terei pena de não ter ficado em Lisboa.
 Sempre esta inquietação sem propósito, sem nexo, sem consequência,
 Sempre, sempre, sempre,
 Esta angústia excessiva do espírito por coisa nenhuma,
 Na estrada de Sintra, ou na estrada do sonho, ou na estrada da vida...
 (PAC, p. 161, v. 8-13)

Seja em Lisboa, em Sintra, na estrada real ou metonímica, a angústia domina o *agora* deste eu sempre em busca. O automóvel emprestado, em

princípio apenas um símbolo, é mais um objeto que, de repente, toma corpo e inclui o sujeito, passando a representar tudo aquilo que lhe foi emprestado e que ele toma como seu, chegando, ele mesmo, a ser o resultado disso: “Quantas coisas que me emprestaram guio como minhas! / Quanto que me emprestaram, ai de mim!, eu próprio sou!” (PAC, p. 161, v. 18-19). Alternam-se sujeito e objeto na posição de agente: “Deixarei sonhos atrás de mim, ou é o automóvel que os deixa? Eu, guiador do automóvel emprestado, ou o automóvel emprestado que eu guio?” (PAC, p. 162, v. 35-36)

A viagem em busca da promessa de uma felicidade que elimine a angústia, uma vez mais revela algo que já pontuamos anteriormente, “a consciência de que os outros podem [ser felizes]” (BERARDINELLI, 2004, p. 176) mas ele, não. Segundo Cleonice Berardinelli (2004, p. 176),

É essa consciência que o faz transferir seu ponto de vista para os outros, para quem a felicidade também está fora do alcance da mão; do “volante do Chevrolet pela estrada de Sintra” [Cf. PAC, p. 160, v. 1] vê um casebre à margem da estrada e pensa: “A vida ali deve ser feliz, só porque não é a minha” [PAC, p. 161, v. 27], acrescentando: “Se alguém me viu da janela do casebre, sonhará: Aquele é que é feliz.” [PAC, p. 161, v. 28]

A aproximação do ponto de chegada, contudo, não alivia o seu coração insatisfeito, que permaneceu à porta do casebre. Fica-se, portanto, à deriva de si mesmo: “Na estrada de Sintra, cada vez mais perto de Sintra, / Na estrada de Sintra, cada vez menos perto de mim...” (PAC, p. 162, v. 49-50). O paralelismo dos versos finais e a substituição de dois vocábulos – de *mais*, pelo seu oposto *menos* e de *Sintra* por *de mim* – indicam de maneira clara o que dissemos. O que deseja alcançar nesta viagem pela estrada, guiando o Chevrolet, não é tanto Sintra mas ele mesmo.

4.2

“O que quero é levar prà Morte / Uma alma a transbordar de Mar”

Ô Mort, vieux capitaine, il est temps! levons l'ancre!
Charles Baudelaire
 (1972, p. 128)

Se, como diz Cleonice Berardinelli (2004, p. 344), “a vida é uma viagem, ou esta é a metáfora que o poeta encontra para definí-la”, acrescentamos que, sem dúvida, a viagem também serve de metáfora para o instante limite da vida, isto é,

a morte. Como afirmamos antes, a viagem na poesia de Campos é sobretudo metafórica, representando mais um percurso existencial do que um deslocamento espacial, por isso, não poderíamos deixar de abordar a “longa viagem” (Cf. **PAC**, p. 126, v. 25) para o “outro lado do Mundo.” (Cf. **PAC**, p. 128, v. 11). Alguns poemas do heterônimo prestar-se-iam a esta análise, mas nos decidimos pelos três cujo título comum é “A Partida”.

Na esperança de realizar o projeto de Álvaro de Campos de um livro chamado **Arco de Triunfo**, a professora Cleonice Berardinelli pesquisou o espólio do poeta. A maior parte dos textos citados no projeto do livro já era conhecida do público, através da edição da Ática; outros, contudo, permaneciam inéditos. Eram eles: “Carnaval”, “A Partida” e “Arco de Triunfo”. No momento, interessamo-nos em saber como foi a “descoberta” de “A Partida”:

Cheia de esperança, prossegui meu caminho ao longo dessa fascinante estrada 71 [era o número da cota de uma pasta o Espólio na Biblioteca Nacional de Lisboa] onde, a cada paragem – cada nova folha – eu passava da surpresa à admiração. Assim, cheguei ao número 16, manuscrito: seu título era – e eu não acreditava em meus olhos – “A Partida”. Alguns passos adiante e o título se repete; outros passos ainda, e eis um terceiro poema do mesmo nome. (BERARDINELLI, 2004, p. 363)

Assim, ficamos sabendo, ainda, que “nestes três novos poemas, a viagem tem a Morte por destino.” (BERARDINELLI, 2004, p. 363), ou seja, é cantada aquela partida de onde não é mais possível regressar. Segundo Maria Luísa Guerra (s.d., p. 44), “somos apenas o que fomos e assim atingimos no tempo um absoluto ter-sido”. Este “absoluto ter-sido”, como veremos adiante é o resultado de tudo aquilo que fomos e do que deixamos de ser. Podemos dizer, portanto, que, no instante limite da morte, *outrora* e *agora* “encontram-se”, chegando a um ponto comum.

Num dos poemas – o que vem por último na ordem de publicação escolhida por Cleonice Berardinelli – os versos descrevem o momento anterior à partida e a reflexão que assoma ao sujeito neste momento.

Agora que os dedos da Morte à roda da minha garganta
Sensivelmente começam a pressão definitiva...
E que tomo consciência exorbitando os meus olhos,
Olho pra trás de mim, reparo p'lo passado fora,
Vejo quem fui, e sobretudo quem não fui,
Considero lucidamente o meu passado misto
E acho que houve um erro
Ou em eu viver ou em eu viver assim.

Será sempre que quando a Morte nos entra no quarto
 E fecha a porta a chave por dentro,
 E a cousa é definitiva, inabalável,
 Sem *Cour de Cassation* para o seu destino findo,
 Será sempre que, quando a meia-noite soa na vida,
 Uma exasperação de calma, uma lucidez indizida
 Acorda como uma cousa anterior à infância no seu partir?
 (PAC, p. 129-130, v. 1-15)

O que viera à sua cabeça, quando a Morte já entrara no quarto, fechara a porta, pusera os dedos à roda da sua garganta e ele percebera que não havia mais recurso, fora justamente o seu passado. Neste passado, interessa o que foi, mas sobretudo o que não foi. Citemos, uma vez mais, as palavras de Maria Luísa Guerra (s.d., p. 62-63),

De facto, o poeta não se limita a evocar um passado univalente e monótono, passado realmente “acontecido” e por isso ainda determinante do presente. Ao lado dessa dimensão insinua uma rede incalculável de múltiplas possibilidades frustradas, possibilidades que descrevem a área enigmática do que poderíamos ter sido e não fomos. Essa área, apesar de meramente hipotética, nem por isso deixa de nos determinar também porque, como bem acentua, se o homem foi o que é nem por isso deixa de ser o que não foi. Resultamos do que fizemos e do que não fizemos, embora evidentemente por diversos caminhos.

A sua vida significou apenas a morte da possibilidade de realização dos seus sonhos: “Olho com uma espécie de alegria da lucidez completa / Para a falência instintiva que jazeu na minha vida.” (PAC, p. 130, v. 23-24). “Os projectos continuamente adiados escrevem portanto uma raiz falhada, e não obstante fecunda, do nosso próprio ser.” (GUERRA, s.d., p. 47). O momento de lucidez proporcionado pelo instante em que “a meia-noite soa na vida” serve de motivo para uma interpelação ao Mestre, Alberto Caeiro, aquele que conheceu, mas diz ter abandonado. Na representação do limite extremo da vida, reconhece este o erro e chora, talvez, se tivesse continuado a seguir os passos do Mestre, talvez sua vida não tivesse sido “falência sem fim” (Cf. PAC, p. 131, v. 36). Por fim, desfaz a ficção daquele momento, erguendo-se “das almofadas quase cómodas” e voltando ao seu “remorso sadio.” (Cf. PAC, p. 131, v. 38-39).

A morte não propicia apenas a lucidez do gesto de voltar o olhar ao passado, é também revelação do novo: “Salve, ó novas cousas, a acontecer-me quando eu morrer, / Nova mobilidade do universo a despontar no meu horizonte” (PAC, p. 126, v. 22-23). Este poema inicia-se com uma extensa enumeração que lembra

certas odes – “Saudação a Walt Whitman” e “A Passagem das Horas”- marcadas pelo sensacionismo. “Ao fim de todos os sujeitos enumerados (ou antes, da multiplicação de um mesmo sujeito através de numerosos apostos), vem o verbo principal: ‘Eu morrerei assim? [...]’” (BERARDINELLI, 2004, p. 365-366) A pergunta é respondida com uma negativa – “Não: o universo é grande” (Cf. **PAC**, p. 126, v. 17) – e com a promessa de que “a morte revelará cousas absolutamente inauditas...” (**PAC**, p. 126, v. 20)

A excitação sensacionista também marca o terceiro – primeiro na ordem de publicação - dos poemas de “A Partida”: “*Ave atque vale*, ó assombroso universo! / *Ave atque vale*, de que diversa maneira / É que eu te verei, e será definitivamente” (**PAC**, p. 128, v. 1-3). É “com o coração confrangido, a alma ansiosa, o olhar vago” que se dará a partida definitiva: “Partirei para aquele teu aspecto que a Morte deve revelar-me” (**PAC**, p. 128, v. 11). Será na morte que uma face do universo se revelará de outra forma, porque a morte é a libertação da forma - “como uma capa que me prenda” (**PAC**, p. 128, v. 24). A morte é buscada como um abrigo, ergue os braços para ela “como uma criança/ Do colo da ama para o aparecimento da mãe...” (**PAC**, p. 129, v. 36-37).

Segundo Cleonice Berardinelli (2004, p. 364), “aqui, também, é a partida definitiva para a Morte que, ela só, dará acesso a esse lado do Universo que o poeta ainda não conhece.” Mais adiante, acrescenta:+

Por ela, abandona sem pena todo o transitório, porque nela encontra toda a segurança do definitivo. Nenhum receio em face do mistério (a palavra, tão freqüente neste heterônimo, nem é pronunciada), nenhuma angústia metafísica, nenhuma nostalgia dilaceradora; em seu lugar, o alor confiante na viagem, sem pena do que deixa atrás de si. (BERARDINELLI, 2004, p. 365)

Esta visão do “assombroso universo”, do “Universo espontâneo!”, portanto, só poderá ser vislumbrada depois da morte, quando não há presente a viver, passado a recordar ou futuro a esperar.